

Osmar Domaneschi

Os bivalves da família Myidae geralmente estão adaptados a cavar em substrato moles ou semi-compactados, havendo espécies que desenvolveram a capacidade de perfurar substratos argilosos endurecidos; algumas, contudo, vivem aninhadas em cavidades, fendas e espaços livres deixados por organismos marinhos epibentônicos.

A presença de um condróforo proeminente, em forma de colher, em apenas uma das valvas talvez seja o melhor caráter para a distinção dos Myidae entre os Bivalvia (Fig.1a). Dentes verdadeiros estão ausentes na charneira mas uma estrutura cardinal, semelhante a um dente pode estar associada ao condróforo em uma das valvas. Essas estruturas servem para a fixação do ligamento que é predominantemente interno (resílio), havendo espécies onde surge uma pequena porção externa, muito dissimulada. A concha é inequilateral e inequivalve; valva direita mais convexa e pouco maior que a esquerda. As valvas apresentam linhas concêntricas proeminentes e as margens são lisas e não se tocam completamente na região posterior, onde deixam uma abertura ampla, particularmente em espécies com sífões longos e pouco retráteis como em *Mya*.

Entre os Myidae, as espécies de *Sphenia* vivem fixas por fios de bisso enquanto as de outros gêneros como *Mya*, *Platiodon*, *Cryptomya*, *Paramya* são cavadoras em diferentes tipos de substratos marinhos. *Sphenia binghami* Turton, 1822 e *S. antillensis* Dall & Simpson, 1901, aninham-se em conchas vazias, fendas e cavidades ou espaços entre outros organismos. Não raro ocorrem ao lado ou no interior de perfurações feitas por *Hiatella* (Saxicavacea) com as quais foram confundidas por longo tempo devido a semelhança superficial entre suas conchas. Quando os sífões estão protraídos, a distinção é fácil, pois, os de *Hiatella* são alaranjados, mais longos e com as duas aberturas amplamente separadas; quando contraídos, somente um exame cuidadoso do ligamento, externo em *Hiatella* e interno em *Sphenia* possibilita a identificação. A concha de *Sphenia* é frequentemente irregular na forma, refletindo seu modo de vida,

fixa por bisso e amoldando-se ao espaço disponível ao seu crescimento. Seus sífões são unidos, curtos, e como nos Myidae em geral, envolvidos por periostraco. O pé é pequeno, fino e embora capacite o animal a se mover, está relacionado primariamente à produção, modelagem e fixação do bisso. Esse modo de fixação é provavelmente o responsável, como nos mexilhões, pela redução da região anterior do corpo em relação a posterior e por sua condição heteromiária, com o músculo adutor anterior reduzido.

A família Myidae é predominantemente boreal, com algumas espécies importantes sob o ponto de vista econômico. *Mya arenaria*, uma das maiores espécies da família, com concha de até 16 cm de comprimento é abundante em substratos lodosos compactados onde é capturada pelos "clam diggers" e postas a venda em mercados para a alimentação humana.

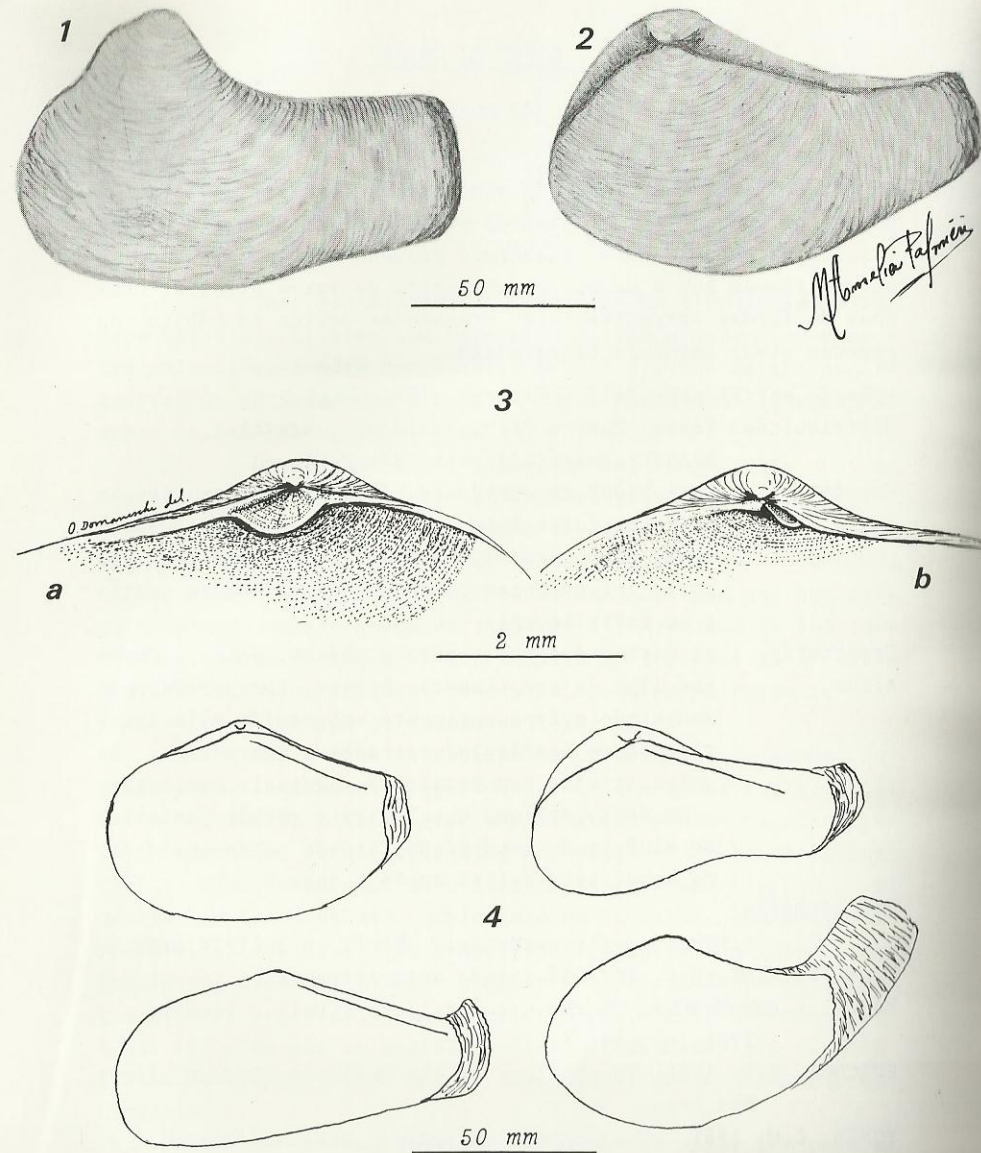
Em *Mya* o hábito de se enterrar é adquirido lentamente: os jovens tem pé grande e ativo que secreta um bisso para a fixação; posteriormente assumem uma postura vertical e vão se enterrando mais profundamente a medida que crescem. A cavação é realizada provavelmente pela expulsão de jatos d'água através da abertura pedal anterior e não pela atuação do pé. Este diminui de tamanho e atividade com o crescimento do animal que perde completamente a capacidade de se enterrar e morre se se removido de seu habitat. *Platyodon* reúne espécies que se especializaram como perfuradores de lodo muito compactado ou completamente endurecido, usando as valvas como abrasivo para erodir o sedimento e abrir a galeria na qual vive permanentemente.

MIÍDEOS BRASILEIROS

A família Myidae está representada no litoral brasileiro por uma única espécie, *Sphenia antillensis* Dall & Simpson, 1901, encontrada na região entre marés e infralitoral. Não raro ocupa o mesmo habitat de *Hiatella solida* (Sowerby, 1802) o que contribuiu para que sua existência passasse despercebida por muito tempo e sua distribuição em nosso litoral permanece pouco conhecida.

Gênero *Sphenia* Turton, 1822

Concha inequilateral e inequivalve, pequena, frágil,



Legenda *Sphenia antillensis* Dall & Simpson, 1901

- Fig. 1 - Valva esquerda de exemplar deformado
 Fig. 2 - Concha regular evidenciando diferença entre as valvas
 Fig. 3 - a: Condróforo da charneira da valva esquerda
 b: Alvéolo do condróforo na valva direita
 Fig. 4 - Variação na forma da concha

em geral branca e ornamentada com estrias concêntricas; região posterior longa e larga deixando pequena abertura entre as valvas. Valva esquerda com condróforo pequeno e raso, alongado e se projetando sob a margem da charneira da valva direita. Conchas de formas irregulares são frequentes devido ao hábito da espécie viver aninhada em cavidades.

Sphenia antillensis Dall & Simpson, 1901 (Fig. 1-4)

Distribuição: Texas, Puerto Rico, Suriname e Brasil

BRASIL: Ceará, Alagoas, São Paulo.

Habitat : "aninhada" em cavidades, fendas, conchas vazias; entre ascídias coloniais, biscoos de mexilhões; em tubos de poliquetos, filamentos de algas ou na areia retida entre estas, na região entre marés e no infralitoral.

Caracterís ticas : as mesmas descritas para o gênero, mais: concha até 12mm de comprimento, branca, com perióstraco amarelado e frequentemente enegrecido pela aglutinação de partículas estranhas; charneira da valva direita com estrutura cardinal semelhante a um dente oblíquo que limita a região anterior do alvéolo do condróforo situado na concavidade do umbo; seio palial amplo e raso.

BIBLIOGRAFIA

- A bibliografia usada foi: ABBOTT, R.T. 1974; KEEN, A. M. 1971; RIOS, E.C. 1975 já citada anteriormente e: NARCHI & DOMANESCHI. On *Sphenia antillensis* Dall & Simpson , 1901 (no prelo)
- PURCHON, R.D. 1968. The biology of the Mollusca. Oxford, Pergamon Press. 560 p.
- YONGE, C.M. 1951. Observations on *Sphenia binghami* Turton. J. mar. biol. Ass. U.K., 30 (2): 387-392.
- YONGE, C.M. & T.E. THOMPSON, 1976. Living marine molluscs. London, William Collins Sons & Co Ltd. 288 p.